

OLHAR DO DISCENTE DE GRADUAÇÃO SOBRE A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

THE GRAD STUDENT'S LOOK AT DOMESTIC VIOLENCE

Dayara Araújo Negreiros¹, Aldair Oliveira de Andrade²

¹ Discente do Curso de Bacharelado em Serviço Social, Instituto de Ciências Sociais e Zootecnia, Universidade Federal do Amazonas, Parintins/AM, Brasil, dayaranegreiros.araujo@gmail.com

² Programa de Pós-Graduação em Ciências e Humanidades (PPGCH), Universidade Federal do Amazonas, Humaitá/AM, Brasil, aldairandrade@yahoo.com.br

ARTICLE INFO

Article history:

Received 2018-10-30

Accepted 2019-02-01

Available online 2019-02-07

Palavras-chave: Violência doméstica. Mulher. Patriarcado. Tipos de Violência.

Keywords: Domestic violence. Woman. Patriarchate. Types of Violence.

RESUMO. *O presente artigo tem como objetivo compreender os diversos tipos de violência doméstica a partir do olhar dos estudantes da Universidade Federal do Amazonas/UFAM campus Parintins-ICSEZ, para alcançar o objetivo proposto fez-se necessário estabelecer relações com os fundamentos da violência doméstica através de discussões sobre a temática. Sua composição foi feita a partir de revisão teórica, através de livros, artigos e dissertações e pesquisa de campo, os quais possibilitaram compreender melhor o universo da violência doméstica contra a mulher. A pesquisa se pautou por uma abordagem qualitativa, a qual permitiu descrever a heterogeneidade do determinado problema, bem como entender as percepções dos entrevistados sobre o assunto tratado, identificando os diversos tipos de violência doméstica em famílias do ICSEZ. Pôde-se perceber que a violência física é caracterizada como frequente, não sendo percebidas as outras configurações da violência doméstica. A maioria dos universitários entrevistados têm uma percepção do fenômeno apenas em sua configuração física, descartando suas outras facetas, como também ouviram discussões sobre a Lei Maria da Penha, porém não conhecem as especificidades desta. Sobretudo verificou-se que a problemática em questão é vista como um fenômeno natural presente no âmago de uma sociedade capitalista, racista e patriarcal. Em suma, a violência doméstica contra a mulher merece um olhar diferenciado por conta dos índices alarmantes, dessa forma, os debates sobre a temática nos espaços sociais, especificamente na esfera universitária seriam meios para o combate à violência doméstica contra a mulher.*

ABSTRACT. *The purpose of this article is to understand the different types of domestic violence from the perspective of the students of the Federal University of Amazonas / UFAM Campus Parintins-ICSEZ, in order to reach the proposed objective, it was necessary to establish relations with the foundations of domestic violence through discussions on the subject. Its composition was based on a theoretical review, through books, articles and dissertations and field research, which made it possible to better understand the universe of domestic violence against women. The research was based on a qualitative approach, which allowed to describe the heterogeneity of the problem, as well as to understand the interviewees' perceptions about the subject, identifying the different types of domestic violence in ICSEZ families. It was possible to perceive that physical violence is characterized as frequent, not being perceived the other configurations of domestic violence. Most of the university students interviewed have a perception of the phenomenon only in their physical configuration,*

132

discarding their other facets, as well as heard discussions about the Maria da Penha Law, but they do not know the specificities of this one. Above all it has been found that the problematic in question is seen as a natural phenomenon at the heart of a capitalist, racist and patriarchal society. In short, domestic violence against women deserves a different look because of the alarming rates, so debates about the issue in social spaces, specifically at the university level, would be the means to combat domestic violence against women.

INTRODUÇÃO

A violência existe desde o início da humanidade e seu impacto sobre o bem-estar das pessoas pode ser visto de várias formas e em diversos nuances (ANDRADE, 2009). O termo violência deriva da palavra latina vis, que significa força e refere-se às ações de constrangimento e, uso da superioridade física, comportamentos que causam de forma intencional intimidação moral a outra pessoa (ZALUAR, 1999).

Desse modo, a violência contra a mulher é todo e qualquer ato embasado em uma situação de gênero, a qual irá resultar em danos de natureza física, psicológica e sexual, incluindo ameaças, coerção, privação da liberdade. Referente a violência doméstica contra a mulher é um ato que ocorre no âmbito doméstico e principalmente se for cometido por um agressor que manteve ou ainda mantém de certa forma alguma relação íntima com a vítima (ANDRADE, 2009).

De acordo com Audi (2007), a violência doméstica contra a mulher pode se caracterizar de várias formas, desde marcas visíveis no corpo, como a violência física e até formas não aparentes, porém não menos importantes, como a violência psicológica, a qual traz muitos danos à estrutura emocional da mulher. É relevante mencionar que a violência doméstica independe de status social, grau de escolaridade ou etnia.

Entende-se que a violência em suas diversas facetas encontra-se nas estruturas sociais, econômicas, políticas, estando todos os membros da sociedade sujeitos a algum tipo de violência, independente de classe, credo e raça. “A violência se nutre de fatos políticos, econômicos e culturais presentes nas relações micro e macrosociais, o que significa que só pode ser estudada dentro da própria sociedade [...]” (ANDRADE, 2009 p. 12).

Entende-se que a violência contra a mulher se encontra nas estruturas sociais, econômicas, políticas e todas as mulheres estão expostas a ela, pois esta independe de classe, raça e outros fatores. “A violência se nutre de fatos políticos, econômicos e culturais presentes nas relações micro e macrosociais, o que significa que só pode ser estudada dentro da própria sociedade [...]” (ANDRADE, 2009 p. 12).

Esta problemática é considerada um problema social universal, a qual percorre a história humana, encontrada em todas as sociedades e tradições culturais (AUDI, 2007). Trata-se de uma problemática que tem espaço garantido enquanto foco da mídia, do

discurso político e da sociedade, especialmente quando se trata da violência cometida contra as mulheres.

Segundo Guimarães e Pedroza (2015), a violência doméstica contra a mulher nos últimos 50 anos tem se mostrado como uma problemática política e social, a qual causa preocupação em todo o mundo. Na sociedade brasileira, este fenômeno não é algo novo, o que se percebe é a visibilidade da gravidade e o aumento dos índices alarmantes.

Conforme a Declaração das Nações Unidas (1999) apud Audi (2007) a violência contra a mulher vem ser todo ato de violência por qualquer razão de gênero, a qual acarrete em danos físicos, sexuais, psicológicos e sofrimentos às mulheres. Estão incluídas neste contexto ameaças, atos de coerção, privações de liberdade e outros.

A configuração mais frequente de violência contra a mulher é a violência doméstica, a qual é praticada na maioria das vezes pelo próprio parceiro íntimo da vítima (ibid., 2007). Esta caracteriza-se principalmente por maus tratos físicos, seguidos por abalos emocionais e em alguns casos ocorrem a violência sexual. Safiotti e Almeida (1995) expõem a esfera privada ou espaço intrafamiliar como campo fértil para a rotinização das relações violentas.

Andrade (2009) salienta que o fenômeno está intrinsecamente relacionado as questões de gênero, a qual ocorre em todo o mundo, independente de classe social, raça e etnia. Apesar da visibilidade e de sua ocorrência em escala planetária há a precariedade do acesso à informação e principalmente o silêncio das vítimas de violência, o que dificulta a erradicação desta problemática social.

Para as autoras Cortizo e Goyeneche (2010), a violência doméstica pode ser resultado de dois aspectos centrais: a crise da família, no Brasil, onde a proteção social é marcada pelo paternalismo e clientelismo que têm como foco o controle social da população, outros fatores como patriarcalismo e machismo, os quais são subsidiados por valores morais e religiosos ainda existentes na vida social.

Na cultura patriarcal, foi estabelecida a condição de fragilidade da mulher e a caracterizou como submissa ao homem em todas as esferas. Segundo Lacerda 2010, p.72), “se a família patriarcal é o modelo sobre o qual se estabelecem as relações políticas, isso deve implicar em dizer que estão presentes exploração, abuso, marginalização e controle das mulheres” (2010, p.72).

Nas especificidades do patriarcado têm-se a ideia que o homem é o provedor, chefe da casa e deve conviver no espaço público, enquanto a mulher deve obedecer ao seu marido, cuidar da casa, dos filhos e permanecer no âmbito privado Safiotti (1987) expõe:

Em troca do poder de dominar as mulheres, os homens se deixam amputar na dimensão mais prazerosa da vida: a da troca afetiva, transmitindo aos filhos esta mesma maneira de agir. A mulher também colabora neste

sentido, pois dá educação diferenciada aos filhos e filhas. Afirma-se, com frequência, que a mulher e a maior responsável pela transmissão destes padrões de comportamento. Esta afirmação é extremamente perigosa. Culpabilizam-se as mulheres por quase tudo que sai errado na família (p. 63).

A sociedade de certa forma demarca com exatidão os campos onde as mulheres e homens devem atuar, ou sejam os papéis sociais são definidos pelo sexo, até mesmo no convívio familiar são definidas as tarefas dos meninos e meninas. A figura feminina cabe a responsabilidade de zelar pela casa e pelos filhos e é perceptível a naturalização desta perspectiva.

Sendo assim, o estudo acerca deste tema é de grande relevância no cenário atual, já que é crescente o número de denúncias na sociedade brasileira, evidenciando-se como um problema social e de saúde pública, a qual afeta a integridade física e psíquica da mulher, além de constituir uma flagrante violação aos direitos humanos (MAPA DA VIOLÊNCIA, 2015).

UNIVERSO DA PESQUISA

O Lócus da pesquisa foi o Instituto de Ciências Sociais e Zootecnia – ICSEZ/UFAM, inaugurado no ano de 2007 com a expansão dos *campi* da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Está localizado na Estrada do Macurany, nº 1805 – Jacareacanga, na cidade de Parintins.

Os sujeitos da pesquisa delinearão-se em um público específico, os acadêmicos da referida Universidade. Foram realizadas entrevistas com os discentes, buscando analisar a visão dos sujeitos da pesquisa sobre a violência doméstica.

É importante mencionar que pelo fato de existir uma quantidade grande de informantes foi definida uma amostra a partir da pesquisa exploratória, desta forma foram entrevistados 20 (vinte) acadêmicos dos cursos de graduação do ICSEZ/UFAM. Foi utilizado como critério fundamental para participar da pesquisa, o que conviviam em seus núcleos familiares.

Para entender melhor os perfis dos sujeitos serão descritos os seus dados socioeconômicos. Os entrevistados possuem idade de 19 (dezenove) a 26 (vinte e seis) anos, entre estes 55% são do sexo masculino e 45% do sexo feminino, ambos são residentes do município de Parintins e moram atualmente com os pais, irmãos (as), parentes e alguns destes com filhos (as).

Dentre as famílias, no que se refere a renda familiar, 5% possui uma renda abaixo de 1 (um) salário mínimo, 30% 1 (um) salário mínimo, 35% 1 (um) a 2 (dois) salários, 10% de 2

(dois) a 3 (três) salários, 5% 3 (três) a 4 (quatro) salários, 5% 4 (quatro) a 5 (cinco) salários, 5% 6 (seis) a 8 (oito) salários e 5% não soube responder.

É relevante ressaltar que 35% dos sujeitos contribuem com a renda familiar por meio de trabalhos informais e 65% não estão contribuindo. Constatou-se também que 50% das famílias são mantidas pelo pai, 35% pela mãe e 15% por ambos, é perceptível nos dados aludidos a figura do pai como provedor da casa.

Verificou-se a predomínio de autônomos (as) com 48%, seguidos dos professores com 13%, agentes comunitários de saúde – ACS e funcionários públicos com 9%, enquanto o restante das ocupações com 4%.

Diante dessa realidade do trabalho informal, Antunes (2009, p. 252) expõe que “[...] em plena era da informatização do trabalho, do mundo maquinal e digital, estamos conhecendo a época da informalização do trabalho”, caracterizando-se como precário, carente de direitos, fora do âmbito da rede de proteção social e trabalhista.

Quanto a idade dos pais dos entrevistados, esta varia de 38 (trinta e oito) a 62 (sessenta e dois) anos para o sexo masculino, enquanto para o sexo feminino diversifica-se entre 36 (trinta e seis) a 60 (sessenta).

Mediante os dados expostos, foi possível compreender os subsídios socioeconômicos dos familiares dos sujeitos entrevistados e o contexto o qual estão inseridos, sendo estas informações relevantes para a pesquisa, pois através destas pôde-se ter conhecimento sobre as relações sociais, hierarquia e outros no espaço familiar.

TECENDO RELAÇÕES SOBRE O OLHAR DOS DISCENTES SOBRE A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER

Para discutir a compreensão dos estudantes universitários sobre a violência doméstica se fez necessário levantar elementos acerca do seu cotidiano e relação no âmbito familiar. Primeiramente perguntou-se aos discentes sobre o dia a dia na residência, 50% afirmou ser bastante agitado, 30% indagou ser calmo, mas com incidência de problemas familiares e 20% definiu como “tranquilo”.

Referente aos 30% que responderam “ser calmo, mas com incidência de problemas familiares”, para melhor visualizar, segue a fala de alguns sujeitos: “É tranquilo, não tem muitas confusões, é bem calmo” (Entrevistado 01, Pesquisa de Campo, 2018).

Bom, quando passo o dia inteiro em casa o convívio é normal, às vezes aquele estresse familiar, mas um convívio normal tipo família reunida, brincadeira entre irmãos, pai e mãe, conversas sobre o dia a dia e brincadeiras entre si. (Entrevistado 03, Pesquisa de Campo, 2018).

Posso falar que é tranquilo, assim, o nosso ambiente familiar ele tem problemas como todos, mas nada fora do normal, meu pai é bastante tranquilo não faz muita confusão, assim como a minha mãe e eles tem a política deles (Entrevistado 05, Pesquisa de Campo, 2018).

Percebe-se a contradição nas falas dos entrevistados mencionados sobre o cotidiano familiar, pois afirmam ser calmo, mas com frequência há alguns desentendimentos. Outro fator que pôde ser constatado a partir das informações fornecidas pelos sujeitos, foi a questão do trabalho doméstico está voltado ao sexo feminino, mesmo que ambos tenham suas ocupações, os afazeres de casa são de responsabilidade das mulheres, seguindo a linha de raciocínio de Safiotti (2004), este aspecto é uma característica do patriarcado impulsionado pelo capitalismo, sendo definido como trabalho doméstico não pago.

Observou-se o maior percentual das famílias que preferem ficar em casa nos fins de semana devido ao cansaço de trabalho, da universidade, constata-se que o pai ou filhos preferem sair sozinhos, na fala dos entrevistados pode-se analisar a afirmação:

Olha como a gente tem a semana toda corrida, geralmente a gente passa praticamente o dia todo dormindo, às vezes quando dá vontade depende muito do momento da pessoa a gente sai em família, mas como você sabe jovem quer sair sozinho com seus amigos então é mais assim (Entrevistado 17, Pesquisa de Campo, 2018).

Todo o sábado meu pai ele bebe, só que agora ele não bebe como antes, antes ele bebia, bebia e chegava agressivo em casa, agora ele bebe chega e fala com a gente e depois vai dormir. É raro sair em família, só ele que sai sozinho [...] (Entrevistado 18, Pesquisa de Campo, 2018).

Percebe-se a fragmentação na maioria das famílias referentes as rotinas dos fins de semana, o que acarreta em uma relação fragilizada em muitos casos. No que diz respeito a relação familiar, 60% consideram ter um bom relacionamento apesar dos desentendimentos e 40% deixou subentendido, mas indagou não existir muitas brigas.

Diante disso, se buscou verificar a resolutividade das brigas e desentendimentos, a priori perguntou-se como os pais tratavam os conflitos entre irmãos, 10% afirmou que os pais não interferem, dando-lhes autonomia para resolver tais conflitos e 90% na base da conversa.

Referente aos conflitos entre os pais, constatou-se que 50% resolvem na base da conversa, 5% através de brigas e discussões, 5% passam dias sem manter comunicação com o outro, 5% por meio de agressão física e 35% salientou não interferir nos conflitos dos pais.

No que diz respeito ao percentual de 35%, segue as falas dos entrevistados, “Eles resolvem a situação deles, a gente resolve não interferir na relação deles. Eles conversam bastante” (Entrevistado 04, Pesquisa de Campo, 2018).

Quando é entre eles nós não colocamos nossa opinião, apenas quando um deles pede, mas entre nós geralmente deixa o tempo definir quando resolver. Eles pedem mais opinião da gente sobre o financeiro em casa, quando por exemplo meu pai não tá trabalhando e quando ele trabalha, ele não ajuda totalmente como deveria, aí há as discussões da mamãe aí ela pede uma orientação (Entrevistado 03, Pesquisa de Campo, 2018).

Eles procuram resolver sozinhos, eu já vi poucas vezes eles brigando na minha frente e na frente dela (irmã), o desentendimento é mais entre eles, às vezes meu pai conta o que aconteceu pra mim, o que aconteceu se ela tá chateada ou alguma coisa assim, eles não deixam afetar no relacionamento nosso (Entrevistado 10, Pesquisa de Campo, 2018).

A partir dos relatos, os filhos preferem não intervir nos conflitos entre os pais, deixando-os resolver da maneira que for conveniente, em alguns casos os pais informam os filhos sobre o que está acontecendo, buscando manter uma boa relação familiar.

Foi possível analisar a partir das falas dos sujeitos, que a questão da violência está intrinsecamente voltada apenas ao físico, deixando passar despercebidas as outras configurações da violência doméstica, as quais afetam também fortemente uma mulher.

Mediante esta afirmação, segue o relato dos entrevistados sobre as brigas e desentendimentos que se sucedem no espaço doméstico:

Tipo violência, violência, violência? Tipo porradão? Só brigas mesmo, mas porradão não. Sempre tem aquelas briguinhas, quando um não concorda com o que outro pensa, o papai discorda mais das coisas, eu fico só na minha (Entrevistado 01, Pesquisa de Campo, 2018).

[...] a gente sabe quando eles estão chateados um com outro, mas penso que é aquela coisa de casal nada que vai passar pro lado de violência de baixo escalão, ou então violência física ou psicológica, acho que fica só naquela, vamos dizer assim no aceitável (Entrevistado 05, Pesquisa de Campo, 2018).

[...] às vezes os dois estão estressados e brigam, mas é aquela briguinha, mais não é briga de porrada, só discussão mesmo. Meu pai sai pra trabalhar e minha mãe fica em casa, minha irmã terminou o ensino médio ano passado e agora em agosto ela vai fazer faculdade em Itacoatiara de Agronomia (Entrevistado 18, Pesquisa de Campo, 2018).

Costa (2003) expõe a violência doméstica como um fenômeno complexo e com múltiplas configurações, dentre as quais a mais frequente a violência física, porém não se

pode descartar a possibilidade de ocorrer de maneira camuflada a violência moral, psicológica e outras. Por meio dos relatos dos sujeitos percebe-se o não reconhecimento de outras ramificações da violência doméstica.

Outro fator a ser mencionado é a presença dos filhos (as) durante a ação, a entrevistada 02, relata sobre essa questão e a sua reação diante dessa situação,

[...] antes quando a gente era pequeno assim, eu me lembro né, ele ainda batia nela né, mas depois com o tempo que a gente foi crescendo a gente tomou mais conhecimento, meu irmão também ele cresceu e se revoltava com isso, então a gente chegou e conversou e disse que não era legal assim né. A gente presenciava isso, então a gente chamou ele e disse que não tava legal esse comportamento dele né, ele ficava bebendo e ficava porre então ele se alterava ele inventava motivos pra querer brigar com minha mãe [...] Quando eu presenciava as brigas do meu pai com a minha mãe, eu chorava, eu chorava muito, eu tinha 10 anos, eu sou mais velha, então eles eram menores, eles ficavam espantados e tentavam ajudar minha mãe, mas eu era a mais dramática, vivia chorando (Entrevistada 02, Pesquisa de Campo, 2018).

Através do relato, pode-se afirmar o quanto os filhos (as) são impactados com a situação mencionada mesmo não sendo vítima direta da violência, podendo causar prejuízos em seu desenvolvimento, como também podem influenciá-los a reproduzir tais ações em suas futuras famílias. A entrevistada 18 também expôs sua experiência sobre presenciar agressões no âmbito familiar:

[...] eu chorei muito. A minha irmã chorou ainda mais, porque ela era criança uns 10 anos. Eu me meti uma vez, eu empurrei ele quando ele tava porre, até furei meu pé porque ele quebrou tudo em casa e fui querer andar por cima. Não sei o que acontecia com ele, do nada ficava implicando com ela, por qualquer coisa ou era por ciúmes ou era sei lá o que que ele tinha (Entrevistado 18, Pesquisa de Campo, 2018).

Com base na pesquisa de campo certificou-se que 30% presenciaram agressão, 35% alegaram não terem presenciado e 15% não souberam responder. O percentual de 30% afirmou sentir-se inibido ao presenciar tais ações no âmbito familiar, o que impediu a tomada de atitude. O entrevistado 13 expôs seu ponto de vista sobre a violência:

É assim, nem sempre devemos olhar a violência como forma de agressão física, às vezes até você falar uma palavra, ela machuca mais do que uma violência física né, eu consigo ver a parte da violência como uma forma de você tá ali no calor da emoção e não saber o que fazer na hora, mas tentar acalmar de várias maneiras. Tempos atrás a gente teve uma desavença que foi bem forte na família né. Bom a gente resolveu, meus pais se colocaram né, se colocaram como seu papel de intervir, a gente ali no calor da emoção faz besteiras, depois que passou aquela confusão toda, aquele exalto todo a

gente viu que não era uma maneira boa de se resolver por parte de agressão física ou verbal (Entrevistado 13, Pesquisa de Campo, 2018).

Percebe-se no relato acima, o uso da violência como forma de conter uma determinada situação, usando o argumento de que no ato não há a reflexão do que se está fazendo, na maioria dos casos os fundamentos da violência doméstica decorrem do ciúme do companheiro, bebidas alcoólicas dentre outros fatores já mencionados.

Foi indagado aos sujeitos como eram tratados os conflitos dos parentes que moram em outras residências. Com base nos dados, 25% não soube responder, 25% afirmou ser na base da conversa, 5% diz não se intrometer, 5% através da agressividade (brigas e agressões físicas) e o maior percentual 40% não se aplicava aos sujeitos. De acordo com as entrevistas, pode-se identificar que cada família procura cuidar de seus problemas, mas só se envolvem quando ocorre algo relacionado aos avós.

Referente a vítima de violência doméstica, esta pode estar mais próxima do que se imagina, porém muitas vezes as características de quem sobre violência são perceptíveis, como o caso descrito pelo entrevistado 15:

Em relação a violência eu vou contar um relato lá de casa, da menina que trabalhava lá, ela sofreu, foi muito triste porque, foi violência física, verbal por ciúmes por parte do companheiro dela, sempre acontecia alguma coisa e ela não falava, e sempre quando eu chegava em casa eu tentava falar sobre violência com ela e ela dizia que se acontecesse com ela, ela ia falar, mas teve um dia que aconteceu, ela já tava com ele há 13 anos e ela nunca falou por medo e por causa da filha dela, bom o até momento ela criou coragem e foi denunciar [...] Ela chegava com olho roxo e hematomas no corpo, na verdade ela já vinha com os sintomas mas ela dizia que era acidente ou então ela inventava uma história, já estava frequente isso, ela disse que foi direto pra delegacia, na verdade ela tá 13 anos com ele, demorou um pouco do para descobrir quem realmente ele era e pelo o que eu soube ele sempre foi assim agressivo, ela não é a primeira esposa dele, já aconteceu com a primeira, a primeira ele bateu só que ela foi embora, fugiu e deixou ele. Ela sempre falava que ele é um ótimo pai e a gente sempre falava pra ela "tem certeza?" (Entrevistado 15, Pesquisa de Campo, 2018).

Costa (2003) descreve as características comuns do agressor, dentre elas, a possessão (ciúmes) do companheiro, sendo estes aspectos perceptíveis na situação elencada acima, vistos de fora o agressor pode apresentar ser um bom pai, companheiro, etc. Outro elemento relevante sobre essa questão que ocorre em muitos casos, em especial neste, é a ausência de denúncias das mulheres por conta dos filhos ou por medo do

agressor, dependência econômica e pressão social, os quais levam a sofrer calada e não procurar ajuda/direitos.

O que acontece com frequência também, é a retirada da denúncia por parte da vítima, o sujeito 09 sinaliza um acontecimento em sua família:

Na família, aconteceu mês passado, com minha prima, o marido dela bateu nela, só que ela veio pra cá, aconteceu uma confusão muito grande, aí ela decidiu voltar novamente [...]. Dizendo meus tios, eles falaram que ele traiu ela e por motivo de ciúme ela queria vir embora pra casa da minha tia e ele não deixou. Ela foi na delegacia, meu tio levou ela, só que não adiantou porque ela voltou de novo pra lá, ela retirou a queixa e isso deixou meu tio muito triste porque ela é filha única (Entrevistado 09, Pesquisa de Campo, 2018).

Ela (mãe) denunciou ele duas vezes, ele parou de bater nela. Tenho raiva dele por causa disso, eu brigo com ele por causa disso, a minha mãe sente dor até hoje no rosto dela e coloca a culpa nele, dizendo que a culpa é dele de sentir dor, mas denúncia foi retirada (Entrevistado 18, Pesquisa de Campo, 2018).

Isto pode ocorrer pelo fato de a mulher sentir-se ameaçada pelo agressor, dependência financeira ou até mesmo por acreditar na mudança de atitude do companheiro. No entanto, não há garantia que a agressão não acontecerá novamente, muitos tornam-se mais violentos, dando continuidade ao ciclo de violência.

Desse modo, na intenção de saber, perguntou-se aos sujeitos da pesquisa, se estes obtinham algum conhecimento sobre alguma medida de coação aplicada aos agressores de violência doméstica, 60% afirmou conhecer a Lei Maria da Penha, 10% sabem que existe, mas não tem conhecimento específico, 25% não conhecem nenhuma lei e 5% não respondeu. O Entrevistado 01, afirma “Eu sei que existem órgãos, mas não sei o nome deles, nem conheço as leis”. No mesmo sentido outros entrevistados também se posicionaram, como podemos verificar nas narrativas:

Conhecimento? Não, não (Entrevistado 02, Pesquisa de Campo, 2018).
Sim, sim, por exemplo em relação a violência doméstica, a lei Maria da Penha que é muito interessante que antes a violência que a mulher sofria era tratado como briga de marido e mulher onde não devíamos nos meter, mas graças a Deus foi mudado. Assim como tem outras leis que procuram as pessoas de bem (Entrevistado 05, Pesquisa de Campo, 2018).

Lei Especifica mesmo, só a Maria da Penha, acho que todo mundo conhece pela repercussão que teve é quase que impossível achar alguém que não tenha conhecimento por ela, mas assim as medidas que eu tenho que tomar, algo certinho assim, a pessoa exata que eu tenho que ir atrás caso aconteça alguma coisa tipo eu não sei, caso aconteça alguma coisa eu iria na delegacia e lá eu ia receber a orientação devida, assim que eu imagino,

mas saber exatamente assim tipo perguntarem se eu sei pra orientar alguém eu não sei (Entrevistado 08, Pesquisa de Campo, 2018).

Nota-se que a maioria dos sujeitos entrevistados conhece a mais importantes leis no combate à violência contra a mulher, a Lei Maria da Penha, nº 11.340. Esta fez com que a violência de gênero deixasse de ser tratada como um crime de menor potencial ofensivo por meio das punições aos agressores de todas as formas de violência doméstica: física, sexual, psicológica, patrimonial, sexual e moral.

Portanto, faz-se necessário o conhecimento sobre este fenômeno e as leis que amparam as mulheres vítimas de violência em todos os segmentos e espaços sociais, especificamente no âmbito acadêmico, com o intuito de que todos saibam reconhecer as características e ramificações da violência doméstica, bem como possibilitar discussões sobre como criar caminhos e ou estratégias para dirimir esta problemática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, constata-se o quanto esta problemática social abarca muitas mulheres no Brasil e mesmo com todos os avanços, discussões, organizações feministas e a repercussão da Lei nº 11.340, conhecida como Lei Maria da Penha, a desigualdade de gênero ainda está muito presente nos contornos da sociedade.

Um aspecto importante que dificulta a igualdade de gênero é a cultura patriarcal, a qual é mantida historicamente, resultando na desigualdade e injustiça na vida de muitas mulheres na contemporaneidade. Com isso, torna-se importante a luta por uma sociedade menos desigual e mais justa, sem distinção de sexo, raça, cor e outros estereótipos (ANDRADE, 2009).

Os dados apresentados mostram que o espaço doméstico é o local também de incidência de violência contra a mulher e muitas dessas vítimas não denunciam por diversos fatores que as deixam presas aos agressores. Um aspecto constatado através da pesquisa, é a importância de fortalecer os serviços especializados de atendimentos às mulheres vítimas da referida violência, pois através deste fortalecimento muitas mulheres podem incentivar outras a denunciar.

Referente ao âmbito universitário, devido a diversos debates e pesquisas de cunho científico, esperava-se que os estudantes universitários do ICSEZ obtivessem algum conhecimento sobre a violência doméstica e suas ramificações e, como ocasiona inúmeros prejuízos à vida das mulheres, porém verificou-se que os sujeitos têm uma percepção errônea sobre o fenômeno, a qual os levam a considerar apenas sua configuração física, descartando suas outras facetas.

Sem contar que os princípios da cultura patriarcal estão muito presentes no modo de viver e na criação dos filhos das famílias dos sujeitos da pesquisa. Mesmo nas famílias onde a mulher é a provedora da casa, as tarefas domésticas são destinadas ao sexo feminino, a questão de o papel masculino ser visto como o “homem da casa” ainda é pertinente na maioria das famílias.

Através de alguns relatos, verificou-se que a violência doméstica contra mulher é vista como algo naturalizado e as características da cultura patriarcal impulsionam ainda mais a desigualdade entre os sexos, levando o homem a acreditar que obtém poder sobre a mulher e de certa forma este fator excita a violência doméstica. Olhar para este fenômeno como algo natural dificulta identificar os fundamentos dessa problemática e combatê-la.

Está impregnado na sociedade que “briga de marido e mulher não se mete a colher”, até os próprios filhos não interferem nas discussões ou conflitos dos pais, dando-lhes autonomia para resolver suas diferenças, só expõem sua opinião quando os pais a solicitam, segundo a pesquisa.

Outro fator relevante, o qual foi constatado que muitos sujeitos da pesquisa já tiveram acesso a informações da Lei Maria da Penha, porém não conhecem as especificidades desta. Logo, se faz importante difundir os conhecimentos acerca da Lei Maria da Penha e também da Lei do Feminicídio como forma de estimular as vítimas a denunciar e erradicar a violência contra a mulher.

Em suma, é preciso que haja conscientização da sociedade frente a essa demanda, bem como a democratização das leis que amparam as mulheres vítimas de violência. Ademais, a discussão sobre esta temática nos espaços sociais, especificamente na esfera universitária é uma ferramenta de grande importância para buscar meios para o combate à violência doméstica contra a mulher.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, C. J. **As equipes de saúde e família e a violência doméstica contra a mulher: um olhar de gênero**. São Paulo, 2009.
- ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho**. 2.ed. São Paulo: Boi Tempo, 2009.
- AUDI, C. A. F. **Violência Doméstica na Gravidez**. São Paulo, 2007.
- CORTIZO, M. D. C.; GOYENCHE, P. L. **Judicialização do privado e violência contra a mulher**. Ver. *Katálusis*. 2010, vol13, n.1. p.102-109. ISSN 1414-4980. Disponível em: <<http://www.revistakatysis.com.br> >. Acesso em: 02 de jan. 2018.

GUIMARÃES, M. C.; PEDROZA, R. L. S. (2015). **Violência contra a mulher: problematizando definições teóricas, filosóficas e jurídicas.** *Psicologia e Sociedade*, Brasília, n.2. p. 256-266, 2015.

LACERDA, M.B. **Colonização dos corpos: ensaio sobre o público e o privado. Patriarcalismo, patrimonialismo, personalismo e violência contra as mulheres na formação do Brasil.** 2010.

ZALUAR, A. **Violência e mal estar na sociedade: um debate disperso: violência e crime no brasil da redemocratização.** Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0102-88391999000300002. Acesso em: 28 de Outubro de 2018.

SAFIOTTI, H. I. B. **O poder do macho.** São Paulo: Moderna, 1987.

_____. **Posfácio: Conceituando Gênero.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.

_____. **Gênero, patriarcado, violência.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAFIOTTI, H. I. B; ALMEIDA, S. S. **Violência de gênero: poder e impotência.** Rio de Janeiro: Revinter, 1995.